



A MANIFESTAÇÃO DA SOMBRA EM *O GATO PRETO*, DE EDGAR ALLAN POE: UM ESTUDO JUNGUIANO

The manifestation of the shadow in Edgar Allan Poe's The Black Cat: a Jugian Study

Amanda Cristina Camilo Murça¹
Wiliam Alves Biserra²

RESUMO: O gato preto não é um símbolo usado primacialmente por Edgar Allan Poe, nem foi ele o último a utilizá-lo em seus recursos narrativos. Dessa forma, entende-se que o gato preto, por ter significados semelhantes em diferentes narrativas ao longo da história, constitui um símbolo representante de um arquétipo, que, para Carl Gustav Jung, é um conteúdo inconsciente presente em toda a humanidade e, por isso, esse inconsciente se chama inconsciente coletivo. Ao explorar esses conteúdos do inconsciente, encontra-se a Sombra, arquétipo que melhor representa o que a humanidade entende como mal. Sendo assim, ao analisar o discurso do narrador de *O gato preto*, observa-se que o comportamento do animal é reflexo ou condutor das ações malignas do indivíduo que, embora tente ignorar ou extinguir o gato, depara-se com ele até o fim da narrativa. Nesse sentido, este artigo procura dar embasamento teórico para a hipótese de que o gato preto, pertencente à narrativa supracitada, simboliza a sombra do narrador-personagem de *O gato preto*, de Edgar Allan Poe.

Palavras-chave: gato preto; sombra; inconsciente coletivo; arquétipos.

ABSTRACT: The black cat is not a symbol used primarily by Edgar Allan Poe, nor was he the last one to use it as a narrative feature. In this way, it is understood that the black cat, having carried similar meanings in different narratives throughout history, constitutes a representative symbol of an archetype, which, according to Carl Gustav Jung, is an unconscious content present in all humanity, thus called collective unconscious. By exploring the contents of the unconscious, it is found the Shadow, which is the archetype that best represents what humanity understands as evil. Therefore, when analyzing the narrator's discourse in *The Black Cat*, it is observed that the behavior of the animal is a reflection or a conductor of the evil actions of the individual who, despite trying to ignore or extinguish the cat, repeatedly comes across him until the end of the narrative. In this sense, this article aims to provide theoretical basis to the hypothesis that the black cat symbolizes the shadow of the narrator-character in Poe's *The Black Cat*.

Key Words: black cat; shadow; collective unconscious; archetype.

¹ Mestre. Universidade de Brasília. amandamurcadv@gmail.com | ORCID: 0000-0002-3886-3624.

² Doutor. Universidade de Brasília. wiliamalvesbiserra@gmail.com | ORCID: 0000-0003-4462-9292.



Introdução

Edgar Allan Poe foi um autor considerado referência na literatura norte-americana e hoje é lido em todo o mundo, conforme Campos (2015). O gato preto, conto do renomado autor, foi publicado em 1843 e compõe a vasta coletânea de contos fantásticos de Poe.

O conto supracitado traz como figura essencial ao desenrolar da narrativa Pluto, o gato preto, que muda seu comportamento em relação ao dono à medida que este se entrega aos vícios. O gato parece acompanhar os acontecimentos da história, mesmo após sua morte, o que se torna ferramenta argumentativa para o narrador-personagem, que tenta, em meio a sutilezas, responsabilizar o gato e as ocorrências fantásticas em torno dele pelos atos trágicos promovidos pelo narrador.

De certo modo, o leitor poderá considerar que o conto fantástico possui elementos mágicos que podem ser literais na narrativa, já que se trata de uma literatura fantástica: tudo pode acontecer. Alguns leitores podem, também, levar em conta que o narrador-personagem, por se mostrar entregue aos vícios e ter um discurso por vezes contraditório, inventa todos os fatos maravilhosos para amenizar sua culpa diante do trágico. Independente da leitura feita a partir dessa ambiguidade significativa, para Jung (2020), o fantasioso, o mágico, o maravilhoso é um conjunto de símbolos elaborados pelo homem para representar conteúdos do inconsciente coletivo (chamados de arquétipos), os quais não poderiam ser explorados sem símbolos. Dessa forma, este artigo pretende fazer uma análise do gato preto, Pluto, tanto como personagem literal quanto como fantasioso, sob uma perspectiva psicológica Junguiana, na qual o gato preto é um símbolo repleto de significados arquetípicos.

Ademais, *O gato preto* não é o único conto de Edgar Alan Poe que apresenta possibilidades ricas de exploração simbólica do psicológico humano. William Wilson também apresenta inúmeras ambiguidades analíticas em sua narrativa, sobretudo quando o autor elabora personagens cuja existência literal na história não se prova, e essas ambiguidades levam o conto a um nível psicológico, para muito além das análises unicamente literárias.

Desse modo, aproveitando-se das ricas ambiguidades expressas por *O gato preto*, as quais dão abertura a inúmeras análises psíquicas, fazem-se alguns questionamentos: que representações psíquicas, conforme os estudos Junguianos, o gato preto pode ter no conto? de que forma a Sombra, arquétipo Junguiano, pode ser relacionada ao conto *O gato preto*? como é possível perceber que o gato se relaciona à Sombra, para Jung?



À priori, é importante ressaltar que Sombra, para Jung, é um arquétipo, ou seja, um conteúdo do inconsciente coletivo, que contém tudo aquilo que é rejeitado pelo ego (filtro entre o consciente e o inconsciente). Tudo o que é considerado moralmente inadequado, por exemplo, é armazenado na Sombra, a fim de que não se tenha acesso ao que é rejeitado. Nesse sentido, nota-se o arquétipo da Sombra representado em diversos textos literários por meio dos símbolos da Bruxa, de dragões, de demônios, entre outros, como afirma Von Franz (2020). Hipotetiza-se, no caso de O gato preto, que ele possa representar a Sombra no conto.

Como proposta de análise da narrativa, entende-se que a Sombra permeia todas as ações do narrador-personagem que, de forma explícita, comete uma série de crimes ao longo da história. O gato preto acompanha esses acontecimentos como se fosse reflexo ou causa deles, o que promove uma relação entre o gato e a sombra do narrador. Assim, explorar-se-á de que forma a Sombra foi manifestada no conto.

Os arquétipos em Jung e sua relação com a literatura

O inconsciente, por algum tempo, era considerado apenas o estado do que era reprimido ou esquecido pelo indivíduo – um princípio limitado. Para Jung (2000), o inconsciente já havia aparecido nos estudos de Freud como um lugar de concentrar ação daquilo que era recalcado ou esquecido, mas adquire agora uma carga de significado prática.

Jung também diferencia inconsciente pessoal de inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal, segundo o autor, é uma camada superficial no inconsciente que pertence à individualidade e é formada por experiências pessoais que o indivíduo tem em contato com o mundo. O inconsciente coletivo é a camada profunda do inconsciente e é um conjunto de comportamentos que são identificáveis em todo lugar, independente da cultura ou da moral social, ou seja, o inconsciente coletivo tem natureza universal, não individual. “Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo”. (JUNG, 2000, p. 15).

A partir dessa definição de Jung, sobre o inconsciente, pode-se fazer uma definição de um conceito de extrema importância nos estudos de O gato preto: o conceito de Arquétipo. Conforme o autor, só se pode identificar uma existência psíquica por meio de um contato consciente com ela. Os arquétipos são os conteúdos do inconsciente coletivo:



O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, 2000, p. 17).

A observação dos arquétipos se dá, de forma mais direta, por meio dos contos de fadas (eles foram alvo de profunda investigação por Jung e pela junguiana Von Franz). Para Trindade(2008) também, os arquétipos são apresentados em sua forma mais simples nos contos de fada. Essas imagens arquetípicas contribuem para que o indivíduo compreenda aspectos do inconsciente coletivo. Dieckmann (1986) diz que, ao se começar a ler ou a ouvir um conto de fada, transporta-se automaticamente a um outro mundo. Há, pois, dentro da estória, uma conexão entre dois mundos: o mundo real (consciente), ao qual o leitor/ouvinte pertence, e o mundo imaginário (inconsciente), por meio do qual se tem acesso a representações inúmeras que, até então, eram apenas inconscientes.

Jung (2000) afirma que não se deve confundir o conceito de arquétipo com as definições de símbolos. Giordano (2007) esclarece que é no inconsciente coletivo o lugar dos arquétipos. E, para o autor, é o inconsciente coletivo responsável por tornar consciente os arquétipos, por meio de sonhos, imaginação, criação e símbolos. Dessa forma, ao analisar um conto fantástico, os símbolos mágicos transportam o leitor do mundo real ao imaginário, o qual é capaz de permitir acesso ao inconsciente por meio dos símbolos.

Tal como se faz nos contos de fadas, as narrativas humanas diversas contém, de forma simbólica, os arquétipos.

Os arquétipos compreendem um dos aspectos mais significativos e distintivos de sua obra. Para Jung, os arquétipos desempenham um papel central e crítico que liga o indivíduo ao inconsciente coletivo. No plano mais geral, os arquétipos são vistos como padrões que estruturam os pensamentos e, dessa maneira, também organizam o mundo. Uma boa parte dos escritos de Jung foi dedicada a explicar os arquétipos, já que não era possível uma definição inequívoca. De qualquer modo, Jung dedicou muito tempo e energia procurando demonstrar que os arquétipos são universais e que estavam divorciados do tempo. Assim, podem ser encontrados nos sonhos, nos mitos e nas ideias, tanto do homem primitivo, quanto do antigo e moderno. (MOTTA E PAULA, 2005, p. 29).



O número de arquétipos não é finito. Conforme Jung (2000), os arquétipos orientam os indivíduos; são de extrema importância para entender o mundo externo e para que possamos entender a relação entre consciente e inconsciente.

O arquétipo da Sombra

O conceito de Sombra, em psicologia, pode variar bastante e, por isso, a abordagem a ser feita nesta pesquisa será a Junguiana. A princípio, conforme Von Franz (2020), “sombra é a parte obscura e não vivida do ego” – como um complexo do ego (este será melhor explicado adiante). Abrams e Zweig (1994) dizem a sombra ser a parte da psique mais próxima da consciência, mesmo sendo, em partes, rejeitado por ela.

Tudo aquilo que o indivíduo nega e que não é compatível com seu ideal/padrão social, aquilo que têm-se dificuldade em assumir, aquilo que não se quer que apareça, isso é a sombra, conforme Jung (2000); o autor acrescenta, ainda, que a Sombra é o centro do inconsciente pessoal.

Conforme Ramos e Xavier (2014), dar lugar à sombra e ceder aos desejos dela nem sempre é a melhor solução para o problema sombra, tendo em vista que o mal, nesses casos, pode predominar e exercer seu caráter altamente destrutivo. Para Steves (1994), essa relação entre sombra e mal confirma a natureza arquetípica deste, tendo em vista que uma das qualidades dos arquétipos é sua possibilidade/capacidade de dominar o ego – o que pode ser entendido como tornar-se idêntico ao arquétipo. Byington (2019) reforça que a sombra é a sede do mal.

A fim de entender melhor a relação entre a Sombra e o ego, é imprescindível considerar melhor o ego. Para Jung (2016), “o ego é uma organização do consciente”. Para ele, a consciência deve ser analisada conforme alguns padrões sociais e culturais. Ela deve ser vista como um elemento da psique que surge a partir do inconsciente e se desenvolve ao longo do tempo. Para Hall e Norby (2000), muito se chega ao ego e ele faz uma seleção daquilo que vai para a consciência.

A Sombra, portanto, como afirmam Xavier e Ramos (2014), traz à tona desejos e vontades que não são aceitos pelo ego. Dessa forma, a sombra deixa de lado sentimentos morais e coloca-os aos cuidados do ego, a fim de viver aquilo que não lhe foi permitido, sem preocupações com o que é certo ou errado.



O ego é quem ilumina todo o sistema psíquico, permitindo com que parte iluminada do inconsciente se torne consciente e, portanto, realize-se. Só se pode trazer algo à realidade se o ego o identificar. Tem-se, como exemplo, um talento. Não se pode desenvolvê-lo se o ego não identificá-lo no inconsciente. Portanto, a totalidade inata da psique não é o mesmo que uma realidade plenamente vivida/realizada.

Quando alguém tenta ver sua sombra, envergonha-se, pois, como visto, a sombra consiste em impulsos que o indivíduo nega existirem nele, mas que consegue ver nitidamente no outro. A exemplo, têm-se os pequenos pecados, como “o egoísmo, a preguiça mental, a negligência, as fantasias irreais, as intrigas e as tramas”. (JUNG, 2016, p. 222)

A partir da conceituação de arquétipo, considera-se o mal como elemento inerente ao inconsciente, já que ele toma sua forma simbólica, figurada (conscientizada), por meio, por exemplo, da literatura. Percebe-se, também, que o mal, tendo sua existência intrínseca à vida humana, independente da cultura à qual o indivíduo pertença, relaciona-se à Sombra, um dos conteúdos do inconsciente coletivo, e aparecerá de forma irrevogável na vida. Destarte, perceber a sombra em personagens da literatura (sendo fantásticos ou não) é perceber como o ser humano entende esse elemento psíquico e o funcionamento dele na vida real.

Trindade (2008) coloca que há uma natureza bipolar nos arquétipos (Grande mãe/pai/persona/sombra/anima/animus/herói e self (si mesmo). Há um entendimento, portanto, de que o mal é uma contraposição do bem; o lado negativo existe para dar lugar à conceituação de bem. Para Jung (2006, p. 134):

Infelizmente, não há dúvida de que o homem não é, em geral, tão bom quanto imagina ou gostaria de ser. Todo mundo tem uma sombra, e quanto mais escondida ela está da vida consciente do indivíduo, mais escura e densa ela se tornará. De qualquer forma, é um dos nossos piores obstáculos, já que frustra as nossas ações bemintencionadas.

Bettelheim (2002) ratifica a ideia do arquétipo advindo de um inconsciente coletivo, enfatizando a onipresença do mal, tanto quanto do bem, nos contos de fada. O autor comprova que o mal toma sua forma figurada por meio de sua forma física e por meio de suas ações, já que mal e o bem têm presença indispensável na vida.



O símbolo é a maneira pela qual os arquétipos são visíveis ao homem, isto é, através de seus símbolos torna-se possível reconhecer a existência de arquétipos. Os mitos e lendas são as linguagens primordiais dos arquétipos. Estes fazem das linguagens figurativas suas representantes. A linguagem dos símbolos pode ser considerada a forma de expressão do inconsciente pessoal e coletivo. (TRINDADE, 2008, p. 67).

Poderão ambos os conceitos (bem e mal), portanto, ser representados também em sua forma arquetípica onipresente em outros textos literários, uma vez que a estrutura da literatura fantástica tem sua descendência de contos primitivos, como mitos, lendas e contos de fadas. Esses gêneros dão abertura à exploração de símbolos diversos, os quais se assemelham em conteúdo e ação na narrativa. O mal, por exemplo, está sempre presente por meio da sombra (JUNG, 2016).

Pluto e a Sombra

Primordialmente, retoma-se Dieckman (1986), ao afirmar que, dentro da estória, há uma conexão entre dois mundos: o mundo real (consciente), ao qual o leitor/ouvinte pertence, e o mundo imaginário (inconsciente), por meio do qual se tem acesso a representações inúmeras que, até então, eram apenas inconscientes. Portanto, ao ler *O gato preto*, é inevitável que o leitor seja transportado para o mundo imaginário, dado o misticismo que envolve a figura do gato e sua carga simbólica de extrema complexidade.

Esta análise propõe-se a transportar-se para o inconsciente do narrador-personagem de *O gato preto*, ao avaliar o símbolo do gato psicologicamente. Para Trindade (2008), o símbolo é o meio pelo qual os arquétipos são visíveis. Assim, entende-se que o gato preto seja um símbolo para o arquétipo Sombra, através das evidências a seguir.

Para Jung (2016), o homem tem a ambiguidade bem e mal, isto é, nenhum homem é completamente bom. Desse modo, a Sombra sempre está presente nas narrativas, tendo em vista que é um arquétipo presente em todos e é um dos nossos piores obstáculos, considerando, também, que ela frustra nossas ações bem intencionadas. Observa-se, dessa maneira, uma sequência de ações do protagonista que frustram seu caráter bem intencionado (já que houve, conforme a narrativa, momentos de boa intenção por parte do narrador). Essa frustração se faz por meio do despertar de um lado cruel do personagem principal, o qual se revela pelo estímulo da Sombra. Não obstante, o narrador, embora seja o detentor das



vontades malignas na narrativa, não necessariamente representa a Sombra, ou é o símbolo de Sombra, no conto, uma vez que a Sombra pertence a ele e pode ser representada por um símbolo externo.

No início do conto, o narrador apresenta ao leitor um pouco sobre seu caráter:

Desde a infância, tornaram-se patentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. A ternura de meu coração era tão evidente, que me tomava alvo dos gracejos de meus companheiros. Gostava, especialmente, de animais, e meus pais me permitiam possuir grande variedade deles. Passava com eles quase todo o meu tempo, e jamais me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acariciava. Com os anos, aumentou esta peculiaridade de meu caráter e, quando me tomei adulto, fiz dela uma das minhas principais fontes de prazer. Aos que já sentiram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso dar-me ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se pode ter com isso. Há algo, no amor desinteressado, e capaz de sacrifícios, de um animal, que toca diretamente o coração daqueles que tiveram ocasiões freqüentes de comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade de um simples homem. (POE, 2017, p. 54)

Como é percebido, o narrador apresenta-se como alguém que tem caráter impecável, ao menos na infância e na juventude. É possível que esse personagem esteja mentindo, dadas as circunstâncias nas quais ele está (na posição de um assassino). Embora ele alegue que morrerá no dia seguinte, o que poderia fazer o leitor acreditar que ele está dizendo a verdade, o narrador deixa a entender que há intenção específica para ele contar toda a história:

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã morro e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. (POE, 2020, p. 56)

Em primeira instância, o narrador diz que não espera do leitor a crença em sua história. No entanto, após o texto supracitado, ele diz:

Por suas consequências, esses acontecimentos me aterrorizaram, me torturaram e me destruíram. Todavia, não tentarei explicá-los. A mim, outra coisa não representaram senão o horror. Para muitos, parecerão menos terríveis do que barrocos. No futuro, talvez se possa encontrar algum intelecto que reduza meu fantasma a um lugar-comum; um intelecto mais calmo, mais lógico e bem menos excitável do que o meu, e que perceberá, nas circunstâncias que pormenorizo com terror, tão somente uma sucessão ordinária de causas e efeitos muito naturais. (POE, 2020, p. 56)



Nesse sentido, percebe-se que o protagonista diz não ter intenção alguma ao contar sua história, mas espera, posteriormente, que alguém possa, após sua morte, entender os acontecimentos da forma como ele (narrador) entendeu. Ademais, o protagonista afirma que não tentará explicar as ocorrências aterrorizantes às quais ele faz menção, mas, por meio da narrativa, observam-se tentativas de explicação, através de suposições, as quais contribuem para manipulação do leitor.

Independente de o narrador estar ou não mentindo, a história dada é a dele e, por isso, trabalhar-se-á com a versão desse personagem, até mesmo porque, até em uma narrativa falsa, o narrador pode deixar transparecer aspectos psíquicos inconscientes que dizem muito sobre ele mesmo. Para Trindade (2008), “o processo de criação expõe conteúdo do inconsciente”. Sendo assim, ainda que a história esteja sendo criada, aspectos do inconsciente do narrador são expelidos ao longo da história.

Ao prosseguir na leitura do conto, percebe-se que o narrador-personagem tinha um gato preto, chamado Pluto. De início, o gato era adorado pelo personagem, que já dizia gostar de animais.

Este último era um belo animal, notavelmente grande, todo preto e de uma sagacidade espantosa. Ao falar da inteligência dele, minha mulher, que no íntimo não era nem um pouco supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular que considerava todos os gatos pretos feiticeiras disfarçadas. (POE, 2017, p. 56-57)

Na descrição do gato, o narrador faz uma comparação entre ele e feiticeiras, símbolo da sombra na maior parte dos contos de fadas e dos mitos, conforme Von Franz (2020). Nesse momento, o personagem faz um vínculo entre a simbologia de contos primitivos à sua narração fantástica, o que pode nos indicar, de fato, um paralelo entre símbolos sombrios.

Ademais, Pluto (ou Plutão), segundo a mitologia grega, foi filho de Demeter e Jasão e era senhor das riquezas e dos mortos. Isto é, Pluto, simbolicamente, é o nome do deus das sombras, do inferno ou do mundo dos mortos. (PRIBERAM, DICIONÁRIO, 2020). Chevalier e Gueerbrant (1982), no dicionário dos símbolos, relacionam o gato preto, conforme significado atribuído por diversas culturas ao longo da história, à transição ou passagem do mundo dos vivos ao mundo dos mortos, o que ratifica o significado do nome Pluto ao gato preto.

Seguindo o conto, observa-se que o narrador-personagem tem um caráter impecável até que, de repente, entrega-se aos vícios.



Nossa amizade durou, desse modo, vários anos, durante os quais não só o meu caráter como o meu temperamento — enrubesço ao confessá-lo — sofreram, devido ao demônio da intemperança, uma modificação radical para pior. Tomava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu caráter. (POE, 2017, p. 57)

Houve uma mudança drástica no comportamento do protagonista e, conforme o texto, não houve uma causa específica para tal mudança, apenas surgiram vícios que fizeram o personagem ter atitudes imorais. Não obstante, é possível perceber que, antes dessa mudança abrupta, o protagonista era acompanhado todo o tempo pelo gato.

Pluto — assim se chamava o gato — era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía. Só eu o alimentava, e ele me seguia sempre pela casa. Tinha dificuldade, mesmo, em impedir que me acompanhasse pela rua. (POE, 2017, p. 56)

Retomando Ramos e Xavier (2014), dar lugar à sombra e ceder aos desejos dela nem sempre é a melhor solução para o problema Sombra, tendo em vista que o mal, nesses casos, pode predominar e exercer seu caráter altamente destrutivo. Sendo assim, Pluto (ligado às sombras) acompanhava seu dono todo o tempo e o dono o alimentava. Dessa forma, se a Sombra era alimentada, em algum momento a manifestação dela ocorreria, como o que houve a partir do momento em que o narrador se entrega aos vícios. Nesse sentido, à medida que o tempo passava, mais violento o narrador foi se tornando, a ponto de agredir o gato. Para Jung, quando alguém tenta ver sua sombra, envergonha-se, pois, como visto, a sombra consiste em impulsos que o indivíduo nega existirem nele, mas que consegue ver nitidamente no outro. E, assim, o protagonista via, no gato, sua própria sombra.

Meu mal, porém, ia tomando conta de mim — que outro mal pode se comparar ao álcool? — e, no fim, até Pluto, que começava agora a envelhecer e, por conseguinte, se tomara um tanto rabugento, até mesmo Pluto começou a sentir os efeitos de meu mau humor. (POE, 2017, p. 57)

Pluto parecia acompanhar o comportamento do dono. O dono envelhecia, Pluto envelhecia. O gato sentia os efeitos do mau humor do dono e, por isso, se tornou rabugento. Pluto acompanhava seu dono, assemelhando-se a uma extensão dele, ou como se fosse parte dele.

Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado, de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-



o, e ele, assustado ante a minha violência, me feriu a mão, levemente, com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava fazendo. Dir-se-ia que, súbito, minha alma abandonara o corpo, e uma perversidade mais do que diabólica, causada pela genebra, fez vibrar todas as fibras de meu ser. Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! Enrubesço, estremeço, abraço-me de vergonha, ao referir-me, aqui, a essa abominável atrocidade. (POE, 2017, p. 57)

Na cena supracitada, o dono diz, por diversas vezes, que algo “diabólico” tomou conta dele. Nesse caso, entende-se que o personagem foi tomado por um impulso e, por isso, agiu de forma impensada. Parece que há algum elemento agindo no narrador sem que ele o controle. As palavras “demoníaca” e “diabólica” remetem a uma força maligna que age por detrás do indivíduo como se o fizesse agir mal inevitavelmente. Essa força maligna pode se relacionar ao gato, que, sendo símbolo para conexão com a Sombra e com o sobrenatural, simboliza aquilo que age no homem (diabolicamente), fazendo-o agir mal; ou seja, o gato simboliza a própria Sombra do dono.

Na mesma cena em que o narrador assume estar agindo por um impulso maligno, o gato também age de forma maligna com o dono, não o reconhecendo positivamente e mordendo-o. O gato não parece tão amigável, assim como o dono também não, já que estava alcoolizado e entregue aos vícios. Pluto exerce um paralelo, mais uma vez, entre o comportamento do dono e seu próprio comportamento, como se estivessem ligados.

O homem, ao agredir o gato, tentou, de certa forma, conter uma ação maligna do gato e a indiferença dele em relação a seu dono. O protagonista parece querer destruir sua própria sombra, para não ter que vê-la.

Conforme Jung (2020), a Sombra é constituída por conteúdos rejeitados pelo ego, ou seja, a Sombra é aquilo que não se quer ver. Tudo aquilo que o indivíduo nega e que não é compatível com seu ideal/padrão social, aquilo que têm-se dificuldade em assumir, aquilo que não se quer que apareça, isso é a Sombra, conforme Jung (2000). O próprio autor reconhece a existência dessa força que o leva a fazer aquilo que é ruim:

Acaso não sentimos uma inclinação constante mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo, para violar aquilo que é lei, simplesmente porque a compreendemos como tal? Esse espírito de perversidade, digo eu, foi a causa de minha queda final. O vivo e insondável desejo da alma de atormentar-se a si mesma, de violentar sua própria natureza, de fazer o mal pelo próprio mal. (POE, 2017, p. 58)



Nesse sentido, tendo o narrador contato com sua própria Sombra, ele a rejeita e quer destruí-la. Na tentativa de depredar sua Sombra, o protagonista arranca um olho do gato. O fato de ter sido o olho é significativo, tendo em vista que o personagem não queria mais enxergar sua própria sombra, ignorando-a. Não tendo sido possível ignorar Pluto, o dono o matou:

Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. Enforquei-o porque sabia que estava cometendo um pecado — um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível. (POE, 2017, p. 58)

Após a morte de Pluto, o narrador encontra um outro gato, em um bar, idêntico a Pluto, até sem um dos olhos, mas que continha uma mancha branca (o que prova que esse não era, de fato, o mesmo gato, mas representa, ainda, a sombra, pela semelhança). Para Jung (1995), uma psique saudável é aquela em que consciente e sombra conseguem conviver. Desse modo, a sombra aparece para que, de algum modo, o narrador-personagem busque uma convivência harmônica com a própria Sombra (o que não é o mesmo que ceder a ela), mas ele tenta, novamente, livrar-se da Sombra, na tentativa de aniquilar o segundo gato da história.

Não sabendo lidar com a própria sombra e não suportando vê-la, o personagem tenta matar o gato, mas, afinal, acaba matando a mulher. À medida que o personagem ignora a própria sombra e deseja exterminá-la ao invés de tentar uma convivência com ela, entendendo a própria Sombra e superando-a, ele permite com que esse arquétipo vá, aos poucos, tomando conta do ego, tornando-se uma pessoa má, conforme o que afirma Ramos e Xavier (2014).

Por fim, embora o narrador-personagem tenha tentado de todos os modos aniquilar sua Sombra, ela aparece no formato do gato preto na cena final, em que a Polícia descobre o paradeiro de sua esposa, morta.

Sobre sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante, achava-se pousado o animal odioso, cuja astúcia me levou ao assassinio e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba! (POE, 2017, p. 63)

Retomando Jung (2006), todos têm uma sombra e, quanto mais longe ela estiver do consciente, mais densa ela se tornará. Dessa maneira, o fato de o protagonista ter de todos os modos afastar de si a consciência da própria sombra a tornou mais densa e escura. Ignorar a sombra ou tentar aniquilá-la não é efetivo para combatê-la. Assim, ao fim de todos os



acontecimentos da narrativa, o gato se tornou visível ao homem outra vez, mostrando que não há como fugir da própria sombra.

Ademais, conforme Ramos e Xavier (2014), dar lugar à Sombra e ceder aos desejos dela nem sempre é a melhor solução para o problema Sombra, tendo em vista que o mal, nesses casos, pode predominar e exercer seu caráter altamente destrutivo. Para Steves (1994), essa relação entre Sombra e mal confirma a natureza arquetípica deste, tendo em vista que uma das qualidades dos arquétipos é sua possibilidade/capacidade de dominar o ego – o que pode ser entendido como tornar-se idêntico ao arquétipo. Desse modo, nota-se, no conto O gato preto, que o narrador anuncia a brevidade de sua morte; esta pode simbolizar o processo de tomada do Ego, por parte da Sombra, fato que exterminaria o indivíduo.

Destarte, observa-se que o posicionamento do gato preto no conto assemelha-se ao comportamento de um símbolo sombrio, já que o animal é espelho e, ao mesmo tempo, conduz as ações do homem. A necessidade deste de aniquilar o gato e o conseqüente agravamento do comportamento sombrio do protagonista também leva ao pensamento de que a ação da Sombra (atitudes malignas do personagem) fica mais densa à medida que o homem ignora a própria Sombra (simbolicamente representada pelo gato), ao invés de tentar torná-la consciente e buscar um convívio equilibrado com ela.

Considerações finais

O gato preto não é um símbolo inédito na literatura fantástica, conforme o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant (1982), já que o material foi elaborado com base em mitos, contos, entre outras fontes. Edgar Allan Poe escolheu o gato, e não um gato qualquer, escolheu o gato preto, mais próximo ao metafísico e às sombras, para montar sua narrativa cujo discurso é complexo e o enredo rico em símbolos.

Sabendo disso, não é possível ler O gato preto, de Poe, de modo desprezioso; ao contrário, a simbologia diz muito, principalmente sobre quem maneja o discurso de forma propositada ou até manipuladora: o narrador. Jung (2016), em toda a sua obra sobre simbologia, arquétipos e psique, evidenciou o funcionamento de um dos arquétipos essenciais ao desenvolvimento e amadurecimento da psique humana, a Sombra. Para o autor, aquilo que se rejeita moralmente vai para a Sombra, constituindo o arquétipo (conteúdo do inconsciente coletivo). Tudo o que não se quer ver, o que é abominável ao indivíduo, constitui a Sombra.

Assim, percebendo que a confissão do narrador envolve o desenvolvimento progressivo de ações malignas, que começam por uma violência aparentemente amena e chega até ao



feminicídio da própria esposa, é possível entender um desenvolvimento, também, da Sombra, que, à medida que toma o Ego do narrador, torna mais hostil o comportamento dele.

O gato preto, não tendo sido posicionado na narrativa despropositadamente, acompanha todo o comportamento do narrador e, por vezes, reflete-o ou é causa de sua própria ira. Embora o protagonista tenha assassinado o gato (Sombra), ele aparece outra vez, ao final, em uma cena horrenda para o narrador, anunciando que a Sombra não pode ser exterminada ou ignorada; ao contrário, quanto mais ignorada, mais toma forma e mais conduz o indivíduo a ações malignas e moralmente abomináveis. Embasa-se, portanto, por meio deste artigo, a hipótese de que o gato preto é símbolo para a Sombra do narrador-personagem do conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe.



REFERÊNCIAS

ABRAMS, Jeremiah; ZWEIG, Connie. **Ao Encontro da Sombra**: Um potencial escuro da natureza humana. Tradução de Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano 16a Edição - PAZ E TERRA – 2002.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **A Sombra e o Mal**. In: *Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, p. 221-230, 2019. Disponível em: <<https://www.sbpa.org.br/wp-content/uploads/2020/01/N.-37-1.pdf>>, acesso em 14 de outubro de 2021.

DIECKMANN, Hans. **Contos de fadas vividos**. São Paulo: Editora Paulinas, 1986.

GIORDANO, Alessandra. **Contar histórias** - um recurso arteterapêutico de transformação e cura. São Paulo: Editora Artes Médicas, 2007.

HALL, Calvin S. ; NORBY, Vernon J. **Introdução à Psicologia Junguiana**. São Paulo: Cultrix, 2000.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Editora Harper Collins, Rio de Janeiro, 2016.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. [Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

MOTTA, Fernando C. Prestes; PAULA, Ana Paula Paes de. Meia-idade, individuação e organizações. In: *O&S*, v. 12, n. 34, julho/setembro de 2005. Disponível em: <[POE, Edgar Allan. O gato preto. In: **Histórias extraordinárias**. Companhia das Letras - SP, pág. 54-63, 2017.](https://www.scielo.br/j/osoc/a/XzyQV7VXHCMfHmGXZn6MR3b/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Tal%20como%20descrito%20por%20Jung,o%20seu%20desligamento%20do%20mund%20o.>, Acesso em: 29 de novembro de 2021.</p></div><div data-bbox=)

RAMOS, Karin Fernanda; XAVIER, César Rey. **O conceito de Sombra e o avesso da realidade: uma análise histórica e literária de suas representatividades**. In: Anais da XIX Semana de Iniciação Científica, 25 e 26 de setembro de 2014, UNICENTRO, Guarapuava – PR, ISSN – ISSN: 2238-7358. Disponível em: <<https://anais.unicentro.br/proic>> acesso em 29 de novembro de 2021.

TRINDADE, N. R. B. **A bruxa nos contos de fada**. São Paulo, 2008.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fada**. [tradução] Maria Christina Penteado Kujawski São Paulo: Paulus, 2020.

Dicionário Priberam. Disponível em:

<<https://dicionario.priberam.org/plut%C3%A30>>, acesso em: 20 de janeiro de 2024.